

TEORIA & PRÁTICA: A DICOTOMIA DO CURSO TÉCNICO DE ENFERMAGEM

Gloria Aparecida Oliveira Lima¹, Ana Cabanasⁿ

¹Instituto Superior de Educação e Teologia, Av. Fernando Correa da Costa, 542, sala 14, Poção, Cuiabá-MT, 78015-600, gloriaao.lima@hotmail.com

ⁿAnhanguera Educacional/Administração, Av. João Batista de Souza Soares, 4121, Colônia Paraíso, São José dos Campos-SP, 12236-660, anacabanas@aedu.com

Resumo- A dificuldade de associar teoria e prática por parte do educador já é uma herança que ele carrega desde a graduação devido ao ensino fragmentado, talvez para atender um mercado cada vez mais especialista. Atualmente, o mercado exige especialista em todas as áreas. Combater as divisões. Isso tudo é uma herança do século XVI, que conduz o educador talvez a esquecer que todos são sujeitos do processo. Por isso, o escopo deste artigo é propiciar ao docente atuar como um mediador no campo de estágio, correlacionando o ensino teórico com sua aplicação na prática de forma profissional e motivada. Esta pesquisa de campo envolveu seis docentes e um gestor do Curso Técnico de Enfermagem no Vale do Paraíba Paulista. Os resultados revelam que a 33,3 da amostra apresenta como dificuldades a experiência profissional e o (des)interesse do aluno. Atualmente, o Curso Técnico em Enfermagem está planejado em módulos teóricos e práticos o que pode prejudicar a compressão do processo como um todo por parte dos alunos. De modo geral, conclui-se que a teoria está ligada sempre a execução no momento da prática, o que reforça a necessidade de se possibilitar ao docente que ministra competências teóricas acompanhar os alunos de Enfermagem ao campo de estágio supervisionado.

Palavras-chave: Processo ensino aprendizagem. Teoria e prática. Prática profissional.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas - Educação

Introdução

A comunicação professor-aluno torna-se, portanto, a base do processo de ensino e sofre influências do cotidiano de cada um de seus protagonistas. O professor tem que valorizar o diálogo, a troca, a relação interpessoal, acreditando que é possível aprender conversando, discutindo e trocando idéias com os aprendizes (FREIRE, 1996).

Por conseguinte, o conhecimento é construído, criado e considerado como fruto de uma assimilação ativa do sujeito. Os educadores não apenas instruem, mas estimulam o aluno a tomar decisões, fazer observações, perceber relações e trabalhar com hipóteses. Ação e reflexão acontecem mutuamente. Faz-se necessário saber e entender que a teoria e a prática não se separam, que o vínculo entre teoria e prática forma um todo e que a partir desta fusão nasce o saber com caráter libertador (MAYUMI *et al.*, 2004)

Já, da parte dos estudantes, é esperada uma atitude mais ativa em busca do saber, com a extração da informação do ambiente, integrando-a em outras armazenadas na memória, fundamentando assim seu Questionamento junto

ao professor (SCHERER; SCHERER; CARVALHO, 2006).

A dificuldade de associar teoria e prática por parte do educador já é uma herança que ele carrega desde a graduação devido ao ensino fragmentado, talvez para atender um mercado cada vez mais especialista. Atualmente, o mercado exige especialista em todas as áreas. Combater as divisões. Isso tudo é uma herança do século XVI, que conduz o educador talvez a esquecer que todos são sujeitos do processo.

Nessa lógica, o currículo apresenta-se como estratégia para contemplar a perspectiva de conjunto, a visão holística, a complexidade da organização social e seus problemas. A interdisciplinaridade – proposta da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no desenvolvimento do currículo proposto, configura-se, acima de tudo, como uma forma de abordagem, uma nova postura diante do conhecimento, em busca do diálogo e da unidade do pensamento para compreender a complexidade própria do existir humano.

O escopo deste estudo é propiciar ao docente atuar como um mediador no campo de estágio, correlacionando o ensino teórico com sua

aplicação na prática de forma profissional e motivada.

Metodologia

Utilizou-se, nesta pesquisa de campo realizada em uma instituição pública de ensino médio de Enfermagem localizada no Vale do Paraíba Paulista (VPP), com método hipotético-dedutivo, procedimento funcionalista, estruturalista.

Os sujeitos da pesquisa não foram definidos aleatoriamente (Seis professores e um chefe de divisão de um Curso Técnico de Enfermagem), por se tratar de uma amostragem não probabilística por conveniência, visto que a pesquisadora atua na instituição sediadora.

Utilizou-se um roteiro de 11(onze) perguntas estruturado na técnica de questionário para não haver interferência na coleta de dados, haja vista que os pesquisados responderão ao instrumento na ausência da pesquisadora.

Por isso, constou no cabeçalho, o tema da pesquisa, os objetivos e a justificativa, bem como o telefone e o email de contato da pesquisadora para esclarecimentos de dúvidas quando do preenchimento do questionário.

Como este estudo envolveu seres humanos, respeitar-se-ão os preceitos éticos da Resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

A coleta de dados somente foi realizada após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Itanhaém. Este projeto foi encaminhado ao CEP mediante a assinatura da Folha de Rosto gerada no Sistema Nacional de Ética em Pesquisa (SisNEP), a qual deverá ser previamente assinada pela pesquisada, pela instituição sediadora e pela coordenadora do Curso de Mestrado.

Antes de entregar os questionários, a pesquisadora esclarecerá aos sujeitos da pesquisa sobre o objetivo e a importância do tema abordado, o anonimato de cada participante e da instituição sediadora, a participação voluntária por não ser remunerada, que podem desistir da pesquisa quando melhor lhes convier, que terão acesso aos resultados da pesquisa quando quiserem por ser de direito público. Por fim devem antes de participarem da pesquisa, assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Resultados

No que tange as dificuldades de correlacionar a teoria à prática estão (Tabela 1):

Tabela 1 – Amostra de docentes do Curso Técnico em Enfermagem por dificuldades de correlacionar a teoria à prática, VPP, 2011 (n=9)

Dificuldades	n	%
Didática	0	0
Experiência na área	3	33,3
Condições de Comunicação	0	0
Domínio e conteúdo	1	11,1
Material de suporte	2	22,3
(Des)interesse dos alunos	3	33,3
TOTAL	9	100

No que concerne aos equipamentos e materiais disponíveis para o Curso Técnico em Enfermagem (Gráfico 1).

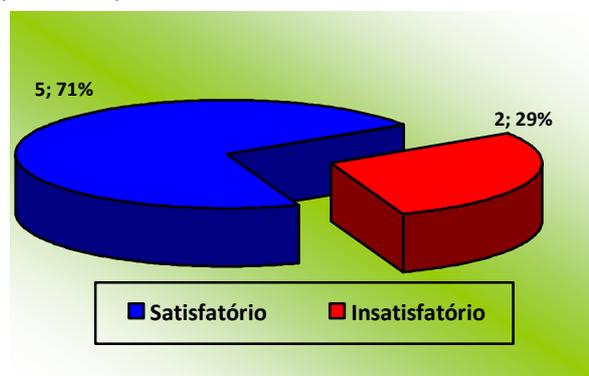


Gráfico 1 – Amostra de docentes do Curso Técnico em Enfermagem por equipamentos e materiais disponíveis, VPP, 2011 (n=7)

Sobre a interferência positiva da liderança no processo ensino aprendizagem (Gráfico 2).

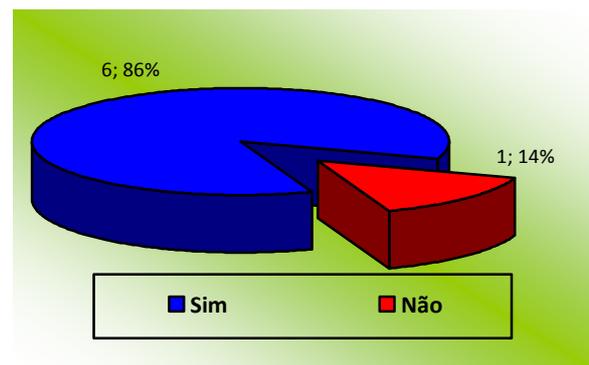


Gráfico 2 – Amostra de docentes do curso Técnico em Enfermagem por interferência positiva da liderança no processo ensino aprendizagem, VPP, (n=7)

Uma docente de Enfermagem Cirúrgica não justificou a resposta, mas dentre as aqueles que apresentaram seus comentários estão:

“A escola fornece o necessário, comparando com outras instituições”.

Pediátrica

“Como as atividades são desenvolvidas no âmbito hospitalar, há disponibilidade de equipamentos e materiais que não tem na escola”.

Saúde Pública

“Muitas técnicas, na prática hospitalar, são adaptadas por não termos materiais adequados. A enfermagem improvisa”.

Clínica Médica

“Como as atividades são desenvolvidas no âmbito hospitalar, há disponibilidade de equipamentos e materiais que não tem na escola”.

Oncológica

“Satisfatório”.

Obstétrica

Elucida-se, no Gráfico 3, que cinco educadores (71%) confirmam que a liderança do Curso Técnico em Enfermagem depende esforços para cumprir ou superar os objetivos organizacionais, enquanto, dois apontaram (29%) que isto ocorre às vezes.

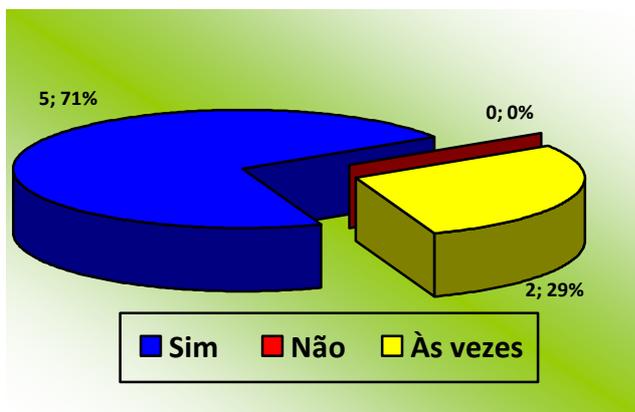


Gráfico 3 – Amostra de docentes do Curso Técnico em Enfermagem por esforços da liderança referente aos objetivos organizacionais do curso, VPP, 2011 (n=7)

Uma docente de Enfermagem Obstétrica não expôs seus comentários, porém os demais disseram:

“Sim, serve como ponto de referência”.

Pediátrica

“Sim precisamos ter alguém que nos apóie”.

Saúde Pública

“Sim, porque a liderança direciona, influencia, faz assumir responsabilidades para equipe chegar a um determinado resultado juntos”.

Clínica Médica

“Não. Anda meio desorganizado”.

Cirúrgica

“Sim, precisamos ter alguém que nos apóie”.

Oncológica

Discussão

Referente às dificuldades de correlacionar a teoria à prática na visão da amostra de professores, não foi indicada, no Gráfico 1, nenhuma prevalência, mas sim, um índice acumulativo entre experiência na área e (des)interesse dos alunos (6=66,6%), cada item totalizando três (33,33%).

A superação da dicotomia entre a prática e a teoria fica mais fácil quando se tem certa experiência na área, principalmente, se o professor for observador e correlacionar sempre os conhecimentos científicos para os estudos de caso nos campos de estágio.

Para Peres, Takahashi e Leite (2006), com isso, consegue acompanhar e vivenciar o surgimento das novas tecnologias, de forma direta conduza as questões para sala de aula e assim vice versa.

E no caso da pesquisa em questão, isso confere com o que o grupo pesquisado citou e por ter mais de dez anos de formados; indicando que já devem ter passado por situações em que valeu muito o tempo na profissão.

Como enfatizado por Viana (2010), o interesse do aluno funciona como um aditivo que alavanca o processo, pois faz com o professor esteja sempre se atualizando e procurando correlacionar o que é discutido dentro e fora da sala, pois o aluno sempre faz comparações e indagações.

A dificuldade do grupo pesquisado em correlacionar a teoria e a prática foi citado com enfoque na experiência na área e interesse dos alunos, enquanto, no Gráfico 1, a maioria acredita ser adequado os equipamentos e materiais disponíveis no centro. Já, no Gráfico 2, percebe-se influência da liderança positiva para o curso. Enquanto, no Gráfico 3, a população estudada acha a liderança do curso depende esforços para superar os objetivos.

A experiência oferece chance de o professor ensinar melhor no ano seguinte, o que ensinou no ano anterior. Os materiais ajudam na fixação do assunto explanado. Os materiais de apoio são de muita importância tanto para o professor quanto para o aluno; para conduzir no processo ensino aprendizagem facilitando a correlação do assunto, na medida em que esteja relacionado à sua realidade.

Segundo Bruini (2011), favorece a associação sem que precise memorização puramente. Os materiais devem fornecer dados corretos. A forma certa de usar os materiais é função do professor.

Ao perguntar sobre a dificuldade do grupo de correlacionar teoria e prática citaram a experiência profissional. E no caso da pesquisa em questão, isso confere com o que o grupo pesquisado citou e por ter mais de dez anos de formados; mais de quarenta anos de idade, indicando que já devem ter passado por situações em que valeu muito o tempo na profissão, reconhecem o centro educacional pesquisado como suficiente em termos de materiais didáticos, valorizam a liderança positiva no ensino aprendizagem; todos os fatores relacionados alavancando justamente o objetivo geral da pesquisa que é o de preparar o docente para atuar como um mediador no campo de estágio, correlacionando o ensino teórico com sua aplicação na prática de forma profissional motivada.

Como comprovação de que a experiência elenca a qualidade do ensino; pode-se afirmar que o ensino é o fruto da relação entre professor e aluno. Relação esta que está estruturada no entusiasmo com que professor divide o conhecimento com os educandos, pois ele trabalha com três estruturas: o aluno, o conhecimento que vai transmitir e a aprendizagem.

Na visão de Ito *et al.* (2006), para que o processo ocorra de forma integral o educador precisa conhecer toda a estrutura, ter o domínio do que vai ensinar, dos conhecimentos e habilidades, e descobrir a forma mais adequada de transmitir esses saberes.

Como afirmado por Kobayashi e Leite (2004), toda a bagagem que o mestre traz, são de extrema importância, pois, através deles, o educador terá subsídios de continuar ou mudar suas estratégias. Corroborando com, Morin (2003, p,68) declara “o desenvolvimento da aptidão para contextualizar e globalizar os saberes torna-se imperativo da educação”.

Conclusão

Atualmente, o Curso Técnico em Enfermagem está planejado em módulos teóricos e práticos o que pode prejudicar a compressão do processo como um todo por parte dos alunos.

Mas a população em questão é madura tanto em termos de idade quanto na questão profissional, e comprometidos em termos de equipe facilitando toda e qualquer proposta de mudança para melhoria do curso técnico em enfermagem.

De modo geral, conclui-se que a teoria está ligada sempre a execução no momento da prática, o que reforça a necessidade de se possibilitar ao docente que ministra competências teóricas acompanhar os alunos de Enfermagem ao campo de estágio supervisionado.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação e da Cultural (MEC). **Lei n. 9394**, de 20 de dezembro de 1996, estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Brasília, 1996.
- BRUINI, E. C. **Materiais de apoio ao trabalho docente**. Brasil Escola. Disponível em: <http://educador.brasile escola.com/trabalho-docente/materiais-apoio-ao-trabalho-docente.htm>. Acesso em: 02 jul. 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- ITO, E. E. O ensino e as diretrizes nacionais: utopia X realidade. **Rev. Esc. Enferm. USP**. v.40, n.4, p.570-5, 2006.
- KOBAYASHI, R. M.; LEITE, M. M. J. Formação de competências administrativas do técnico de Enfermagem. **Rev. Esc. Enferm. USP**. v.12, n.2, p.221-7, mar./abr. 2004.
- MAYUMI, C. *et al.* O currículo integrado e orientado por competência: perspectiva dos acadêmicos. **Rev. Esc. Enferm. USP**. v.14, n.2, p.285-91, mar./abr. 2006.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. São Paulo: Bertrand, 2003.
- PERES, A. M.; TAKAHASHI, R. T.; LEITE, M. M. J. O ensino de Enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: utopia X realidade. **Rev. Esc. Enferm. USP**. v.40, n.4, p.570-5, 2006.
- SCHERER, Z. A P.; SCHERER, E. A.; CARVALHO, A. M. P. Reflexões sobre o ensino de enfermagem e os primeiros contatos do aluno com a profissão. **Rev. Lat. Am. Enferm.** v.14, n.2, p.285-91, mar./abr. 2006
- VIANA, D. L. **Curso didático de enfermagem**. São Paulo: Yendis, 2010.